

## SIGNIFICAÇÃO FILOSÓFICA DA SOCIOLOGIA CRÍTICA DE OCTÁVIO IANNI

Josele de Paiva Mendes França  
Maria do Carmo Marangoni Renesto \*

### INTRODUÇÃO

Nos anos de 1 953 e 1 954, o Prof. Florestan Fernandes, tendo recentemente assumido a cadeira de Sociologia I na Universidade de São Paulo, reuniu em torno de si um grupo de ex-alunos para, juntos, produzirem Sociologia. Sob sua orientação formaram-se alguns dos profissionais mais conhecidos atualmente, dentre os quais, Octávio IANNI.

Formado nessa "escola" de Florestan, marcada pelo desejo de realizar um trabalho científico com bases teóricas muito seguras e com a realidade brasileira por objeto de estudo, Octávio IANNI firma-se hoje em nosso contexto sociológico como autor dos mais importantes.

Sua contribuição abrange o tratamento de problemática variada. Aborda problemas de relações raciais, da industrialização, do planejamento da economia nacional e do papel de Estado no desenvolvimento, da constituição das classes da sociedade moderna, além de preocupar-se com os problemas que "estavam na rua" na época em que cursou a Faculdade ( bacharelou-se em 1 958 ) e em que, a seguir, iniciou sua carreira como professor universitário ( 1 958 a 1 969 ):

\* Mestrandas em Filosofia da PUCC.

1. o nacionalismo e a luta pela independência econômica nacional e a questão do petróleo;

2. a democratização do ensino ( escola pública x escola privada, laicização do ensino, ensino técnico x ensino bacharelesco, elitismo da escola brasileira );

3. a reforma da Universidade Brasileira;

4. a reforma agrária;

5. a rebelião da juventude;

6. o problema do desenvolvimento do campo e as grandes migrações internas.

Inicialmente vinculou-se à orientação de Florestan FERNANDES ao trabalhar no projeto "O Preconceito Racial no Brasil" (1), custeado com doação da UNESCO, realizando os estudos sobre a área de Florianópolis ( em colaboração com F. H. CARDOSO ) e de Curitiba.

Posteriormente passou a trabalhar no grupo de pesquisas sobre "Economia e Sociedade no Brasil — análise sociológica do subdesenvolvimento", sob a direção de F. FERNANDES (2), tendo recebido uma doação da Confederação Nacional da Indústria, cabendo-lhe coordenar o estudo da participação do Estado.

Atualmente, filiado ao CEBRAP — Centro Brasileiro de Análise e Planejamento — onde continua a pesquisar e escrever sobre a realidade social brasileira e latino-americana.

Neste trabalho pretende-se uma análise do pensamento de Octávio IANNI do ponto de vista da realização ou não de uma sociologia crítica, e, em caso positivo, das condições em que a realiza. Para tanto, o trabalho foi dividido em duas partes. A primeira faz uma verificação da evolução de seu pensamento, onde se pode constatar uma ruptura com modelos positivistas e adoção de novos modelos, agora "críticos". A respeito da sociologia crítica, o próprio autor se posiciona e, veremos que neste "posicionar-se" tenta combinar

(1) A formulação deste encontra-se publicada em F. FERNANDES, **O preconceito racial em São Paulo**, Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP, 1 951, também como Apêndice I no livro de F. FERNANDES e Roger BASTIDE, **Branços e Negros em São Paulo**, 2ª Ed., Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1 959.

(2) O projeto encontra-se publicado no livro de F. FERNANDES **A Sociologia numa Era de Revolução Social**, Cia. Editora Nacional, 1 963.

Marx e Max Weber. Na segunda parte, através de citações do estudo que faz do processo de industrialização no Brasil, ilustra-se essa postura do autor.

## 1. A RUPTURA METODOLÓGICA DO PENSAMENTO DE OCTÁVIO IANNI

O pensamento de Octávio IANNI pode ser considerado hoje como tendo duas fases com orientações metodológicas distintas. A primeira, até 1961, aproximadamente, decisiva pelo modelo de ciência proposto: o positivista. Nesta fase, seus estudos orientam-se para os problemas de relações raciais.

Uma obra representativa desta fase é **As Metamorfoses do Escravo**, na qual aborda o problema do negro recém-saído da escravidão, e sua posição no contexto da sociedade (1). Destacam-se também estudos sobre imigração. Os problemas pesquisados nesta fase referem-se a estudos monográficos sobre relações raciais e miscigenação, mudanças sociais, europeização étnica e cultural das instituições políticas.

Não apenas IANNI, mas todo o grupo de sociólogos liderado pela escola de pensamento de Florestan FERNANDES fazem o estudo desses temas, em consequência da lenta e sistemática destruição da antiga civilização agrária no Brasil, e com o nascimento do mundo urbano industrial ...“Para romper de maneira drástica com os ensaios histórico-sociais produzidos no passado, ...grande parte dos estudiosos formados pelas universidades e escolas criadas a partir de 1930, preferiu o que lhes foi apresentado como “científico”, “positivo”, “mais refinado”, em contraposição ao que se lhes afigurava “especulativo” ou “pré-científico” (2).

Nesta fase o autor utiliza o método funcionalista de interpretação, considerando a sociedade como um conjunto de funções, posições, cada qual com um papel. Os problemas sociais são representados pela desorganização e anomia e os sistemas de racionalização são sistemas de controle, concebendo-se a ordem social urbana e industrial formada a partir de elementos heterogêneos. Quando estuda o contato racial, pressupõe a possibilidade de equilíbrio funcional.

Assim, por exemplo, quando estuda a situação social do polonês (3) se propõe, partindo da necessidade de haver estudos brasileiros sobre

(1) Este estudo faz parte de um programa de investigação sobre a sociedade escravocrata e o negro no Brasil Meridional, sob a orientação de Florestan Fernandes, e do qual participaram outros sociólogos, como por exemplo, F. H. CARDOSO, que publicou **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional**.

(2) Octávio IANNI, **Sociologia da Sociologia Latino Americana**, p. 70.

(3) Octávio IANNI, **Raças e Classes Sociais no Brasil**, p. 169 a 198.

as relações interétnicas, ( entre os quais se destaca o conhecimento sociológico ) numa sociedade formada por contingentes raciais distintos e miscigenados, a ...“focalizar alguns fenômenos ligados ao ajustamento social entre certo tipo de europeu... com grupos de imigrados, seus descendentes, ou brasileiros” (4).

Outras afirmações como: ...“as tensões e os problemas que emergem continuamente com as transformações das posições sociais relativas dos componentes dos diferentes grupos”. ... (5) vão deixando clara sua posição funcionalista.

A partir da leitura de **O Capital**, realizada com o grupo de assistentes da Universidade de São Paulo à qual pertencia, completa uma ruptura com essas posições metodológicas (6).

A mudança observada na obra do autor consiste na adoção do “marxismo metodológico” ou “marxismo crítico”, isto é, do uso do método de Marx permeando outras correntes. IANNI é considerado como um dos representantes que mais realizou em suas análises, principalmente do populismo, o marxismo metodológico combinado com posições metodológicas de filiação Weberiana (7).

À medida que adota esta nova postura, faz reparos à Escola de F. FERNANDES (8) juntamente com uma crítica à importação de ciência, procurando um rompimento com a utilização da problemática empírica proposta a partir dos “objetos teóricos” formulados nos centros dominantes. ...“O reconhecimento e a análise crítica das condições científicas e extracientíficas em que se dá a produção sociológica parece ser uma condição indispensável para o desenvolvimento da sociologia na América Latina” (9).

(4) *Ibidem*, p. 172.

(5) *Ibidem*, p. 195.

(6) Cf. F. H. CARDOSO, **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional**, p. 12, ...“Muito antes que se transformasse na coqueluche universitária mundial, um grupo de assistentes da Universidade de São Paulo e de alunos mais amadurecidos intelectualmente dedicou-se à pachorrenta tarefa de ler integralmente aquela magna obra. Não lemos o *Capital*, entretanto, com os olhos ingênuos dos que nada leram antes nem com a beatífica benevolência dos conversos. Lêmo-lo depois de muito Weber, Descartes, Durkheim, Dilthey, Mannheim, Husserl, alguma antropologia, história e economia”.

(7) Cf. Vamireh CHACON, **História das Idéias Sociológicas no Brasil**, p. 85.

(8) Octávio IANNI, **Sociologia da Sociologia Latino-Americana**, p. 125, ...“é de se lamentar apenas que F. Fernandes não tenha examinado mais detidamente também as implicações filosóficas subjacentes ao dilema da “síntese” das perspectivas da sociologia... As suas reflexões... não ultrapassam o âmbito relativo à natureza e às condições da análise sociológica daqueles autores, o que deixou o problema colocado de maneira incompleta. Salvo uma referência sumária, não encontramos digressões que revelassem as orientações do seu pensamento acerca do assunto ... (Elas podem ser, portanto superadas, desde que se encontrem os princípios que permitem unificar pela base a própria explicação sociológica. F. FERNANDES ) E deixa sem explicar: quais seriam esses princípios ? em que termos se deve colocar a formulação filosófica do problema ? etc.”

(9) *Ibidem*, p. 63.

Essa postura metodológica requer uma problemática científica a respeito da realidade social, que, tendo seu ponto de partida nos pensadores clássicos europeus, detenha-se, inicialmente, na questão do “ajustamento” dos modelos teóricos às condições históricas peculiares das nações de origem colonial. Nesta proposta metodológica foi importante o contato de IANNI com a problemática econômica e social do pensamento cepalino (10).

IANNI fundamenta sua proposta antipositivista num texto metodológico publicado em 1962 e inserido em seu livro **Sociologia da Sociologia Latino Americana**, obra que melhor caracteriza esta fase: ...“o equilíbrio do sistema é princípio básico de normalidade; e esse equilíbrio não é outra coisa senão o resultado da atuação de outro princípio, o da causação plural. Por isso se justifica e se requer a segmentação infinita da realidade, cujas partes poderiam ser conhecidas “em si”. Em consequência, os pesquisadores deveriam “descobrir” as múltiplas pequenas causas responsáveis pelos eventos. E para agir como homens práticos precisariam tornar-se reformadores de fragmentos. Dessa maneira, a ciência é esterilizada, reduzindo-se a um instrumento de preservação da “normalidade” presente (11).

Isso quer dizer que a teoria positivista elabora-se “a partir da atitude e posição do técnico. Não se procuram pontos de vista normativos e idéias úteis para orientação prática. Apenas é possível ministrar recomendações técnicas com vistas à realização e execução de fins fixados de antemão; isto é, sua influência se restringe à escolha dos meios. A racionalização da prática social tornada assim possível incide e vem referida unicamente ao aspecto da mesma” (12).

O rompimento metodológico com o positivismo acarreta uma reformulação, passando o autor a encarar a sociologia sob um novo enfoque, que é definida por ele mesmo como sociologia crítica. Assim sendo, em sua obra **Sociologia da Sociologia Latino Americana** conceitua a sociologia crítica como ...“aquela que mais tem contribuído para o conhecimento das condições de existência social das diferentes classes sociais na América Latina. Ela tem colaborado na interpretação do modo pelo qual as classes sociais desenvolvem as suas relações de acomodação, tensão e negação recíproca. Além disso, essa

(10) Veja-se o Capítulo I, “Condições Estruturais da Industrialização”, de O. IANNI, **Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil**, p. 17 – 26.

(11) Octávio IANNI, *op. cit.*, p. 153.

(12) Cf. Hans ALBERT, referindo-se às posições do “marxista crítico” Jürgen Habermas, em “El mito de la razón total”, in T. W. ADORNO et alii, **La disputa de positivismo en la sociología alemana**, p. 183.

produção sociológica tem concorrido para ampliar a compreensão das estruturas de dominação política e apropriação econômica, nos diferentes países latino-americanos. Em suas análises incorporam-se, de modo explícito, tanto as dimensões políticas como as econômicas dos fatos sociais, para melhor compreendê-los. Em geral, essa sociologia não abandona a perspectiva crítica que perpassa tanto a interpretação dos problemas sociais como os próprios métodos de trabalho do sociólogo” (13).

Referências à sociologia crítica encontram-se também na obra **Sociologia e Sociedade no Brasil**, onde o autor expõe os significados da sociologia crítica e sociologia técnica.

Considera a sociologia técnica como a que engloba as várias modalidades de trabalhos sociológico nas quais ...“a descrição e interpretação tomam os fatos como coisas, numa perspectiva deliberadamente externa” (14).

O sociólogo, neste caso, ...“não está interessado em transbordar o nível imediato da objetividade imediata das coisas” (15). ...“É um tipo de trabalho que se limita ao reino das aparências” (16). O que significa estar preso à objetividade imediata ? O que é esta objetivização ?

LUKACS define a reificação, ou a “estrutura da objetividade moderna”, do mesmo modo que Weber, como um “processo de organização estritamente racional” inerente à economia e ao Estado modernos. Seu sentido ( o sentido que tem para seus agentes ) é a possibilidade de repousar inteiramente no cálculo. “A essência do cálculo racional repousa sobre o fato de que o curso forçoso — conforme as leis e independente do “arbitrio” individual — dos fenômenos determinados é de antemão conhecido e calculado”. “O caráter contemplativo da atitude capitalista do sujeito” (...) manifesta-se no fato de que o “comportamento do homem se esgota no cálculo correto dos eventos prováveis desse curso ( no qual ele encontra “leis” sob forma “dada” e “acabada” ) “...” e pela aplicação de dispositivos de proteção e medidas de defesa “...” A diferença entre a atividade do trabalhador diante da máquina, especializada, a do empresário diante do tipo dado de evolução do maquinismo e a do técnico diante do avanço da ciência e da rentabilidade de suas aplicações técnicas, é uma diferença puramente quantitativa e de grau, e não uma diferença qualitativa na estrutura da consciência “...” E, se neste contexto, não ressaltamos o caráter classista do

(13) Octávio IANNI, *Sociologia da Sociologia Latino-Americana*, p. 1 e 2.

(14) Octávio IANNI, *Sociologia e Sociedade no Brasil*, p. 77.

(15) *Ibidem*, p. 77.

(16) Octávio IANNI, *Sociologia e Sociedade no Brasil*, p. 78.

Estado é porque é nossa intenção especificar a reificação como fenômeno fundamental geral e estrutural de toda sociedade burguesa (17)''.

É uma forma de trabalho sociológico que, desejando distinguir-se rigorosamente das outras ciências sociais, não se interessa pela investigação que apanha os fenômenos em seu processo de formação, desenvolvimento ou transformação, a prazo mais longo (isto seria objeto da história). ...''Os fenômenos explicam-se com base no princípio de causação funcional que não é sensível às modificações de duração, salvo para períodos curtos de tempo'' (18).

Esta sociologia estaria orientada no sentido do aperfeiçoamento do ''status quo'', pois que, qualquer questionamento da ordem presente é rechaçado como ideológico. ...''No empenho de alcançar uma objetividade científica que lhe é estranha, porque emprestada das ciências naturais e da indução estatística, essa sociologia acaba por contentar-se com a objetividade dos seus procedimentos metodológicos'' (19).

Há uma preferência pela integridade do método de trabalho científico como ele teria sido consagrado em outras ciências naturais. Seus conceitos básicos são revolução de expectativas, tradicional e moderno, modernização, entre outros, de cunho funcionalista.

Em contrapartida, em linhas gerais, a sociologia crítica aborda os fenômenos em termos de relações, processos, qualidades, significações históricas, estruturas internas e externas... ''Não se restringe aos fatos sociológicos, mas sim aos fatos significativos, sejam eles sociais, econômicos, políticos ou culturais que se revelam nas relações, processos e estruturas que caracterizam o problema em estudo. Nessa orientação, a pesquisa e a análise vão, contínua e recorrentemente, das aparências às essências dos fatos. Nessa orientação, o sociólogo procura demorar-se diante do fato, enquanto um sistema de relações sociais em sentido lato, até que esse fato se torne transparente'' (20).

Para tanto é indispensável que a análise trabalhe com base no princípio da contradição, focalizando a realidade não como um sistema (a ser aperfeiçoado) mas como uma configuração histórica, e, conseqüentemente, em movimento.

''Em síntese, na sociologia crítica, a primazia no processo de produção intelectual cabe ao objeto. Isto não significa que as questões relativas à

(17) Georg LUKACS, *Histoire et Conscience de Classe*, Les Éditions de Minuit, Paris, 1 960, p. 124 – 127.

(18) Octávio IANNI, *Sociologia e Sociedade no Brasil*, p. 78 – 79.

(19) *Ibidem*, p. 78 – 79.

(20) *Ibidem*, p. 78 – 79.

objetividade e à verificabilidade são menosprezadas. Apenas são postas em outros termos, evitando-se a reificação dos meios de pesquisa. Tanto assim que esta sociologia está sempre buscando maneiras e modos de conhecer os encadeamentos e as descontinuidades entre o que as pessoas, grupos, classes e partidos, governos e outras categorias sociais dizem de si e o que realmente são na trama de relações sociais, econômicas e políticas” (21). Na sociologia crítica pois, há um interesse na preservação da integridade do objeto de trabalho científico. O método passa a ser produto da própria especificidade do objeto, fundado no princípio da contradição que não é emprestado de outras ciências. É produto da realidade social, quando esta se conhece a si mesma. ...“Somente a realidade social vista em termos históricos, se organiza, movimenta, reproduz e transforma antagonicamente” (22).

Segundo MARTINS (23) ...“a sociologia não se defronta apenas com o que vagamente se chama de ‘realidade’. Diversamente de outras ciências, ela lida, ao mesmo tempo com as interpretações que são feitas sobre essa mesma ‘realidade’. O conhecimento científico da vida social não se baseia apenas no ‘fato’, mas na concepção do fato e na relação entre a concepção e o fato. Uma sociologia crítica e científica é sempre uma Sociologia do Conhecimento, uma sociologia que analisa simultaneamente os fenômenos sociais e a sociologia que se debruça sobre eles. Em outras palavras, a reflexão sociológica só se completa quando a sociologia analisa sociologicamente a própria sociologia”.

Para ADORNO (24) ...“la ciencia puede ser algo más que simple duplicación de lo real en el pensamiento, sólo si está impregnada del espíritu de la crítica. Explicar la realidad significa siempre romper el cerco mágico de la duplicación. Crítica no significa aquí subjetivismo sino confrontación de la cosa con su propio concepto. Lo dado se ofrece sólo a una visión que lo considere desde el punto de vista de un verdadero interés: de una sociedad libre, de un Estado justo, del desarrollo de lo humano. Y el que no compara las cosas humanas con lo que ellas quieren significar, las ve, en definitiva, en forma no solo superficial, sino además, falsa.”

A sociologia se converte em crítica da sociedade no momento em que não se limita a descrever e examinar as instituições e processos sociais,

(21) Octávio IANNI, *op. cit.* p. 80.

(22) *Ibidem*, p. 80.

(23) Marialice M. FORACHI e José de Souza MARTINS, *Sociologia e Sociedade* (leituras de introdução à sociologia), p. 2.

(24) Theodor W. ADORNO e Max HORKHEIMER, *La Sociedad*, lecciones de sociología, p. 22.

mas quando os confronta com esse substrato — a vida daqueles a quem essas instituições se sobrepõem, ou seja, a convivência dos homens objetivada e institucionalizada.

A sociologia crítica é uma proposta de trabalho em que o enfoque principal é o de que o conhecimento científico da vida social são interpretações da própria realidade. Esta é vista em termos históricos, que traz consigo o movimento e suas contradições. Portanto, o objeto passa a determinar o método de trabalho.

A realidade passa a ter importância sob o ponto de vista da realização da humanidade do homem: liberdade, atividade criadora e consciência, entendida como responsabilidade moral perante o outro.

Este ponto de vista foi bem resumido por LUKACS: "O problema da transcendência do substrato material" ou da coesão da totalidade como é concebido pelas ciências particulares, "mostra que estas renunciam conscientemente à tarefa de resolvê-lo, enredando-se no substrato material de seu aparelho conceitual e deixando a tarefa à filosofia". Esta porém, enquanto não "romper as barreiras do formalismo implícito na especialização." ... "não alcançará a totalidade material e concreta". Por isso, freqüentemente, "o valor do conhecimento formal, diante da "vida vivida", pode ser colocado em questão de modo geral ( a filosofia irracionalista )" (25).

## 2. A SOCIOLOGIA CRÍTICA DE OCTÁVIO IANNI

Podemos analisar a sociologia crítica de IANNI sob dois pontos de vista: metodológico e de abordagem da realidade concreta.

Sua proposta, sob o ponto de vista metodológico, é a de uma crítica ao positivismo ( relação sujeito-objeto ) revelando o uso combinado do método dialético com idéias weberianas.

Em primeiro lugar, utiliza a categoria de aparências ( da dialética marxista ) ao propor para a sociologia crítica a interpretação do ... "modo pelo qual as classes sociais desenvolvem as suas relações de acomodação, tensão e negação recíproca" (1). A seguir, propõe uma ampliação da compreensão das ... "estruturas de dominação política e apropriação econômica, as dimensões políticas e econômicas dos fatos sociais", conceitos weberianos (2).

Aquí porém não considera o conceito de totalidade, esboçado antes, ou seja, a síntese do pensamento que capta a unidade real entre as diversas

(25) George LUKACS, *op. cit.* p. 139 — 141.

(1) Vide p. 6.

(2) Vide p. 6.

manifestações aparentes ( determinações singulares ), que capta as contradições do movimento interno. A noção de totalidade não separaria instâncias empíricas ( ações com sentido ) políticas, econômicas etc.

Por outro lado, quando afirma que a sociologia crítica ...“não se restringe aos fatos sociológicos, mas sim aos fatos significativos ...que se revelam nas relações, processos e estruturas que caracterizam o problema em estudo” (3), faz uma crítica weberiana a Durkheim. Coloca o problema dos fatos sociais considerados como “coisas” em confronto com as “relações” significativas.

Do ponto de vista da abordagem da realidade concreta, analisamos aqui a crítica que o autor propõe à sociedade urbano-industrial na forma capitalista.

Esta proposta segue duas etapas:

1ª conceituação sobre a formação da sociedade urbano-industrial ( a indústria capitalista e o seu cortejo de relações sociais reificadas ) e o desenvolvimento necessário dentro dessa sociedade de uma consciência da **negação** — a consciência operária, do ponto de vista da estruturação de uma nova ordem econômica e o papel do Estado nesse processo.

2ª a crítica da “falsa consciência”, proposta formulada teoricamente pela chamada “escola de Frankfurt” ( HABERMAS, ADORNO, HORKHEIMER ) (4) como problemática das ideologias.

## 2.1. Indústria e formação da classe operária

IANNI vê o processo de industrialização como resultante da crise da civilização agrária que obriga a busca do desenvolvimento das forças produtivas.

...“A sociedade brasileira somente ingressou na era do desenvolvimento ... em consequência da conjugação dinâmica de múltiplas condições econômico-sociais e políticas favoráveis. Ainda que essas condições tivessem surgido em décadas anteriores e já estivessem mesmo operando desde os primórdios da independência política do País ( 1822 ), foi somente a partir de 1930 que a nação formulou um programa nacional de transformação de sua economia e da organização sócio-política” (5).

(3) Vide p. 8.

(4) Cf. T. W. ADORNO et alii, *La disputa del positivismo en la sociología alemana*.

Cf. T. W. ADORNO e Max HORKHEIMER, *La Sociedad*, lecciones de sociología.

(5) Octávio IANNI et alii, *Política e Revolução Social no Brasil*, p. 15.

Para a industrialização brasileira, a Revolução de 30 foi ...“um movimento armado destinado a forçar e precipitar a explosão final da estrutura econômico-social e política rígida, de base agrária, criada e sustentada pelo capitalismo internacional” (6), e acelerar a libertação das forças produtivas, a fim de que se instalasse a civilização capitalista de base industrial.

Nesse contexto, ...“o Estado se projeta como centro máximo de decisões. As políticas fiscal, tarifária, cambial e monetária se integram em escala crescente, de modo a propiciar créditos e incentivos a investimentos cada vez mais controlados pelo poder público” (7).

IANNI mostra que, a partir de 1930, com a expansão das forças produtivas, através da diversificação da estrutura econômica e do crescimento da produção industrial, ...“instaura-se o reino da mais valia relativa, categoria fundante da produção industrial do tipo capitalista” (8).

Ao focalizar as condições econômicas, sociais e culturais de formação do sistema capitalista, considera sinônimos capitalismo e indústria, não insistindo suficientemente na análise do sistema como relação social básica fundada num modo de produção específico.

Por isso, vai estudar separadamente a formação dos elementos constituintes, tais como o trabalho assalariado, o capital, a tecnologia e a capacidade empresarial, fundamentos do processo de acumulação de capital.

Em primeiro lugar, a formação de um mercado de trabalho concretiza-se pela ...“formação de um contingente de trabalhadores livres, com a imigração, a abolição da escravatura e o início da reabsorção dos agricultores autônomos, colonos, agregados etc., dispersos em núcleos de economia e subsistência pelo território nacional” (9).

Depois, IANNI verifica a acumulação de capital dinheiro e investimento produtivo na atividade transformadora – indústria – através de uma diferenciação da agricultura e de uma contraposição entre esta e a indústria ...“O capital gerado na agricultura, em seu desdobramento em capital comercial e capital financeiro, não se fixava totalmente no exterior ...Em certos casos, dada a demanda crescente diferenciada de meios de consumo, uma parte do referido capital era canalizada para investimentos em unidades artesanais e fabris.

(6) Octávio IANNI et alli, *op. cit.*, p. 21.

(7) Octávio IANNI, *Estado e Capitalismo*, p. 143.

(8) Octávio IANNI, *Estado e Capitalismo*, p. 145.

(9) Octávio IANNI, *Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil*, p. 110.

Algumas vezes, o colono das fazendas de café transforma-se em artesão, e, depois, em industrial” (10).

Como a industrialização tornara-se a opção possível face à expansão do capitalismo industrial no mundo, e como a força de trabalho, o capital ( regulando o câmbio ) e a tecnologia ( regulando a importação tecnológica ) se tornaram relativamente disponíveis por uma legislação especial, emerge a capacidade empresarial e aparecem os empreendedores, como decorrência necessária e inevitável do desenvolvimento das forças produtivas.

A nosso ver, ficam de pé a questão da articulação entre esses elementos, e o problema correlato da natureza especial desse desenvolvimento industrial, periférico que é em relação aos centros dominantes da economia mundial.

IANNI, embora não defina bem o conceito de exploração (11), mostra que até 1930, alguns fatores davam sentido a um comportamento político operário. Em primeiro lugar, a indústria não era a forma dominante, estando os instrumentos de poder nas mãos da burguesia agrário-comercial tradicional que, por sua vez, ...“não estava em condições de desenvolver um comportamento político, em face do operariado, segundo os requisitos internos de um capitalismo industrial” (12). Isto se dá em vista das expectativas recíprocas de comportamento geradas no mundo rural — baseadas num sistema autocrático, herança do período da escravidão. Por isso mesmo, a questão social era ...“simples questão de polícia” (13) onde há falta de garantias legais para a organização e ação política proletária. Fechando esta etapa da situação operária antes de 1930, IANNI coloca a influência ideológica anarquista proveniente do grupo de emigrados europeus que vinham com uma prática e experiência de atuação política, incontroláveis, muitas vezes, com as possibilidades das condições locais.

“A partir de 1930, outra configuração se organiza, onde as relações entre o proletariado e a burguesia industrial se encaminham em outras direções. Expande-se a indústria, cresce o contingente proletário, a burguesia industrial, mais numerosa, passa a dominar cada vez mais o poder, e as tensões

(10) Octávio IANNI, *Raças e Classes Sociais no Brasil*, p. 23.

(11) Octávio IANNI, *Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil*, p. 116, ...“em primeiro lugar, os membros dessa classe se encontram integrados ao sistema social segundo uma maneira específica, isto é, como vendedores de força de trabalho aos proprietários dos meios de produção, o que determina a alienação do trabalhador, gerando condições sociais precárias de trabalho. Mas este assunto não precisa ser discutido aqui ( grifo nosso ).

(12) *Ibidem* p. 116.

(13) *Ibidem* p. 114.

entre as classes se “resolvem” numa legislação trabalhista sistemática, que prevê e canaliza num sentido predeterminado o comportamento político operário” (14).

Nesse contexto de análise do comportamento político da classe operária, IANNI constata uma política de paz social, onde a atuação política do proletariado não parece condizente com suas reais condições de trabalho.

Segundo IANNI, o Governo de Vargas, contrariamente à concepção estamental vigente na República Velha e própria das condições de vida das elites oligárquicas rurais, a qual rotulava a questão operária como “caso de polícia”, reconhece a necessidade de uma legislação social em que são previstos com anterioridade soluções legítimas aos problemas das relações entre o proletariado e os industriais a fim de que não germinem as comoções sociais. ...“Reconhecendo a importância das relações não conflituosas entre as classes, para a expansão do capitalismo no País, eles abandonam a antiga orientação e elaboram, pouco a pouco, uma diretriz racional” (15). A partir disto, é visto como justificável a organização da classe operária em sindicatos, sob o estímulo da necessidade comum e dos interesses de classe. Porém, para a maioria do operariado, aqueles são vistos como algo estranho, não sabendo como se formou nem para que se destina. São vistos mais como entidades assistenciais do que como instrumentos da luta política da classe. ...“O sindicato não é visto como algo feito por eles, mas algo feito por outros para eles. ...Esse é o “sindicato de carimbo”, dirigido por “pelegos”; é “o sindicato brando, com preocupação fundamental de aplacar a ânsia de luta dos trabalhadores” (16).

Além do ideal da ascensão social, da outorgação de uma legislação trabalhista, outras instituições foram criadas (SESI, Círculos, Juventudes) que envolveram a classe operária num sistema político destinado a obstar a formação da consciência proletária.

Deixando para trás uma proposta teórica que punha ênfase no confronto econômico e político entre classes, como realidade com estatuto específico, IANNI passa ao plano da consciência individual, em cuja problemática as classes aparecem como agrupamentos (grupos) e o Estado intervém em

---

(14) *Ibidem*, p. 118.

(15) Octávio IANNI, *Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil*, p. 25, citação de Getúlio VARGAS, *A Nova Política do Brasil*, vol. V., p. 205, ...“O Governo não deseja em nenhuma hipótese o dissídio das classes, nem a predominância de uma sobre as outras”. ...“O Estado não quer, não reconhece luta de classes”. ...“As leis trabalhistas são leis de harmonia social”.

(16) *Ibidem*, p. 126 – 127.

uma possibilidade efetiva: mediar as relações entre essas entidades ( coisas ) com sentido subjetivo próprio. ...“O poder público se arroga a função mediadora destinada a pacificar as relações de classe” (17). É um objeto de investigação diverso daquele proposto inicialmente.

Além dessa função, o Estado torna-se agente de uma mudança estrutural determinada. A partir de 1930, surgem na atividade estatal, funções do mundo da produção, que vêm a ser: o mercado, a complementariedade necessária entre as diferentes atividades produtivas, a divisão social do trabalho, e as modificações e reintegrações inerentes ao sistema capitalista de produção. IANNI quando se refere às “reintegrações inerentes ao sistema”, encara uma intervenção racionalizante por parte do Estado, que aparece como uma instituição onde o sistema adquire maior integração. Para tanto, na época de grandes transformações estruturais, o Estado realiza ...“diferentes gradações da racionalidade possível, ...controla os componentes anárquicos do mercado diante do reconhecimento de que as forças produtivas podem ser orientadas e dinamizadas” (18).

Neste enfoque, econômico, nota-se a influência do pensamento weberiano quanto à utilização do conceito de racionalidade para explicar o aparecimento do Estado democrático, onde a separação do trabalhador e meios de produção é condição para a formação de uma classe que maximiza no mercado o seu trabalho. Esta situação, apesar de criar situações divergentes, cria também interesses diferentes, mas potencialmente comuns às classes. ...“O Estado se apresentava como uma instituição inserida numa sociedade de classes com interesses divergentes e até mesmo antagonísticos o que não era conforme o estilo patrimonial anterior a 30” (19).

O Estado democrático aparece aí como uma forma de equilíbrio. Para Weber, ...“foi possível ao capitalismo tornar-se a força mais decisiva na vida humana apenas por já ter-se desenvolvido no interior de um modo de vida racional” (20).

“É que, a organização social apoiada na produção capitalista, pode encontrar diferentes níveis de realização. A própria expansão da civilização

(17) Octávio IANNI, *Estado e Capitalismo*, p. 144.

(18) Octávio IANNI, *Estado e Capitalismo*, p. 253.

(19) *Ibidem*, p. 136.

(20) Karl LOEWITH, “Racionalização e liberdade: o sentido da ação social” in FORACHI, Marialice, e MARTINS, J. S., *Sociologia e Sociedade*, p. 151.

industrial está na dependência da expansão da racionalidade mínima inerente ao capitalismo” (21).

Há desta forma, várias gradações abertas à racionalidade adequada ao sistema. Por isso mesmo, revestiu-se de importância a necessidade de progredir e renovar a prática política por parte da liderança burguesa.

Em virtude de propor-se a uma crítica à industrialização do ponto de vista da consciência operária, vê-se na contingência de realizar uma explicação da expansão e funcionamento do setor industrial, bem como das razões de permanência do “status quo”, através da conceituação de uma ordem racional.

## 2.2. Consciência de Classe e “falsa consciência”

A sociologia, neste momento da análise, aparece no seu papel histórico de “denúncia” social. Como expressão do ponto de vista de uma classe da sociedade, ela aparece como a síntese de uma consciência que, por sua prática, é intrínseca e espontaneamente “totalizante”. Conforme a fórmula LUKACS, a confrontação da coisa com o seu próprio conceito se colocaria assim, neste caso: “Com a universalização da categoria mercadoria esta relação modifica radicalmente e qualitativamente. O destino do trabalhador vem a ser o destino geral de toda a sociedade”. “O trabalhador “livre” só pode aparecer quando toda a vida da sociedade foi pulverizada desta maneira em atos isolados de intercâmbio de mercadorias. Ao mesmo tempo, porém, seu destino deve tornar-se o destino típico de toda sociedade”. Aquilo que, em seu destino, é típico para a estrutura de toda a sociedade, encontra-se no fato de ao se objetivar e se tornar mercadoria, uma função do homem põe de manifesto com um vigor extremo o caráter desumanizado e desumanizante da relação mercantil”. LUKACS cita Marx: “Quando ele anuncia a dissolução do estado de coisas existente, ele não faz mais que enunciar o segredo de sua própria existência, porque ele constitui por si próprio a dissolução efetiva deste estado de coisas —”, e remata: “O conhecimento de si é então ao mesmo tempo o conhecimento objetivo da essência da sociedade” (22). Essa formulação coloca todo o problema do “relacionamento” entre as classes como uma “relação” específica de uma classe consigo própria, da sua consciência com ela própria.

(21) Octávio IANNI, *Estado e Capitalismo*, p. 234. *Ibidem*, p. 235.

(22) Georg LUKACS, *Histoire et Conscience de Classe*, p. 118 – 120, 189.

Do ponto de vista da Sociologia crítica, a crítica filosófica das “aparências formais” do pensamento burguês torna-se então o fulcro, que toma como seu o ponto de vista de uma classe que totalizaria o “dever” da sociedade moderna.

Ao fazer a análise da renovação da prática política, a que se antecipou “preventivamente” a classe burguesa, através de sua liderança encastelada desde o Estado Novo nos aparelhos do poder, IANNI critica a força política do nacionalismo que se constituiria em uma forma de mascarar a luta de classes e desmobilizar o proletariado. “A legitimação do convívio com o proletariado através do sindicato, do pelego, do empreguismo, oferece à burguesia industrial uma ampla margem de manobras. ...No fulcro dos movimentos nacionalistas está a instauração de outras gradações da racionalidade possível, indispensáveis à expansão do mercado nacional, à modificação de valores e padrões de comportamento, à adequação entre as várias estruturas de que se compõe o sistema” (23).

Ainda em outro texto, IANNI propõe a denúncia, desde o ponto de vista de uma classe do nacionalismo como ideologia: sua importância na década de 50 seria explicada basicamente pela ação da burguesia que a teria propagado ...“às outras camadas da sociedade além daquela diretamente vinculada ao fenômeno, isto é, a burguesia industrial brasileira, que está diretamente interessada no desenvolvimento da indústria nacional e na preservação do mercado interno”. Mas “nunca coloca em pauta os verdadeiros fatores e causas, nem todos os objetivos da burguesia industrial, mas somente visa a identificar os interesses desta com os de toda coletividade” (24). A partir deste posicionamento inicial deduz-se a função mistificadora do nacionalismo. Mistificadora para quem? Para a consciência da classe trabalhadora em relação ao problema da apropriação do excedente (25).

Vê-se que o eixo da análise desloca-se da problemática das relações entre as classes (26) para centrar-se na “relação” da classe trabalhadora brasileira consigo própria.

(23) Octávio IANNI, *Estado e Capitalismo*, p. 235.

(24) Octávio IANNI, *Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil*, p. 60.

(25) *Ibidem*, p. 60.

(26) Cf. Octávio IANNI, *Política e Revolução Social no Brasil*, p. 35 ...“a visão que o proletariado possui ou constrói de si e das suas condições de vida está marcada também pela situação relativa em que se acha em face das outras classes da sociedade global — ...ele se concebe em situação privilegiada, relativamente àquela em que ele próprio se encontrava anteriormente. Por outro lado, cf. Octávio IANNI, *Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil*, p. 122 – 123 ...“os direitos adquiridos na cidade criam no trabalhador expectativas de comportamento, dando-lhe a impressão de que os mitos do meio industrial são entidades possíveis ao seu alcance. ...É nesse período que a “consciência de mobilidade” obsta a formação da consciência de classe, dividindo os grupos profissionais e os indivíduos como se eles não pertencessem à mesma classe. ...O comportamento político operário será determinado ou motivado por interesses estranhos aos da classe operária”.

### 3. CONCLUSÕES

O conhecimento do pensamento de IANNI, com as duas fases identificáveis até o momento, permite-nos tecer algumas considerações sobre sua proposta e sua filiação.

Na chamada primeira fase, parece-nos que, sociologicamente, o autor está no campo da Sociologia Diferencial, definida por F. FERNANDES como a que ...“procura explicar a ordem existente nas relações dos fenômenos sociais através das condições, fatores e efeitos que operam em um campo histórico,” (1) estando, dessa forma, vinculado à corrente positivista de pensamento. Ao fazer Sociologia Diferencial, estuda os processos sociais que envolvem consciência social das condições histórico-sociais da existência e organização do comportamento coletivo, conforme orientações no sentido de conservar ou alterar a ordem social estabelecida.

Quanto à segunda fase, uma análise do conceito de sociologia crítica proposto por IANNI nos revela o uso combinado do método dialético com idéias weberianas.

Ao fazer a sociologia da sociologia latino-americana, está concretizando a proposta de MARTINS, ou seja, realizar a sociologia crítica e científica como uma sociologia do conhecimento.

Suas obras atuais denotam como proposta uma crítica da reificação das relações sociais, a qual seria inerente à sociedade capitalista, o que é também, no plano metodológico, uma crítica ao modelo positivista de ciência — crítica ao pensamento reificado. É uma crítica absoluta, feita pela consciência totalizante ao mundo material absolutamente reificado. É uma crítica engajada, por que se faz necessariamente como o ponto de vista de uma classe da sociedade capitalista — a classe portadora da consciência crítica, em virtude de sua posição no modo de produção.

Entre a fórmula radical (sociologia crítica, segundo ADORNO, como consciência absoluta) e a fórmula liberal (democracia de valores, segundo WEBER, consciência relativa) critica a reificação das relações sociais (política operária) mas de outro lado, coloca o Estado democrático, não como compromisso de classe mas como fórmula liberal necessária — é a

(1) Florestan FERNANDES, *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*, p. 27.

natureza do Estado na época capitalista ( quando ocorre historicamente a diferenciação de valores de classes ).

Continua produzindo, sempre buscando, se propondo a uma postura crítica em face à realidade nacional, bem como frente à procura de uma identidade latino-americana.

Suas análises se caracterizam pelo uso do chamado “marxismo metodológico”, ou seja, do uso do método dialético, permeado por posições metodológicas weberianas. Por isso, o leitor menos familiarizado com as categorias de uma e de outra corrente de pensamento pode confundir-se na leitura de suas obras.

Essa característica da obra de O. IANNI é problemática, pois, como afirma F. FERNANDES, (2) ...“não se pode somar os contrários, conciliando Marx e Durkheim” ( como pretendia Cuvillier ) ou Marx e Max Weber ( como sustentava Freyer ).

## BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. e allii, **La disputa del positivismo en la sociologia alemana**, trad. Jacobo Muñoz, Ed. Grijalbo, Barcelona, 1 973, 325 p.

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **La sociedad** Lecciones de Sociologia, trad. F. Mazia e I. Cusien, Ed. Proteo, Buenos Aires, 1 971, 2ª ed., 205 p.

CARDOSO, F. H., **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional**, o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1 977, 303 p.

CHACON, Vamireh, **História das Idéias Sociológicas no Brasil**, Ed. Grijalbo e EDUSP, 1 977, 139 p.

---

(2) Florestan FERNANDES, **A Sociologia no Brasil**, p. 173.

FERNANDES, Florestan, **Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada**, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1 971, 423 p.

\_\_\_\_\_, **Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica**, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 2ª Edição ( 1ª reimpressão ), 1 972, 345 p.

\_\_\_\_\_, **A Sociologia no Brasil**, Ed. Vozes, Petrópolis, 1 977, 270 p.

FORACHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza, **Sociologia e Sociedade**, Leituras de Introdução à Sociologia, Ed. Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro, 1 977, 365 p.

IANNI, Octávio, **As Metamorfoses do Escravo**, Ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1 962, 312 p.

\_\_\_\_\_, **Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1 963, 269 p.

\_\_\_\_\_, **Estado e Capitalismo**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1 965,

IANNI, Octávio, e outros, **Política e Revolução Social no Brasil**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1 965, 198 p.

\_\_\_\_\_, **O colapso do populismo no Brasil**, Ed. Civilização Brasileira, 1 968, 236 p.

\_\_\_\_\_, **Raças e Classes Sociais no Brasil**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2ª Edição Revista e Modificada, 1 972, 248 p.

\_\_\_\_\_, **Sociologia e Sociedade no Brasil**, Ed. Alfa Omega, São Paulo, 1 975, 136 p.

\_\_\_\_\_, **Sociologia da Sociologia Latino Americana**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2ª Edição 1 976, 183 p.

LUKACS, Georg, **Histoire e Conscience de Classe**, traduit par K. Axelos et J. Bois, Les Éditions de Minuit, Paris, 1 960, 381 p.